

**CURSO DE LETRAS**

Bruna Gabriela Pereira Silva

**QUANDO A REALIDADE FECHA A PORTA DOS SONHOS: A DECADÊNCIA DA  
FAMÍLIA DE JOÃO GUEDES E A LUTA DE MARIA JOSÉ PELA  
SOBREVIVÊNCIA NA OBRA *PORTEIRA FECHADA*, DE CYRO MARTINS**

Santa Cruz do Sul

2015

Bruna Gabriela Pereira Silva

**QUANDO A REALIDADE FECHA A PORTA DOS SONHOS: A DECADÊNCIA DA  
FAMÍLIA DE JOÃO GUEDES E A LUTA DE MARIA JOSÉ PELA  
SOBREVIVÊNCIA NA OBRA *PORTEIRA FECHADA*, DE CYRO MARTINS**

**Monografia apresentado ao Curso de Letras  
da Universidade de Santa Cruz do Sul como  
tarefa integrante do currículo normal do  
curso.**

**Orientador: Prof. Ms. Elenor J. Schneider**

Santa Cruz do Sul

2015

## **AGRADECIMENTOS**

Agradeço, em primeiro lugar, a Deus, que iluminou o meu caminho durante esta caminhada.

Aos meus pais Claudio e Renilda, que se doaram por inteiro, renunciando, muitas vezes, aos seus sonhos para que realizasse os meus. Obrigada pelo apoio, carinho e incentivo.

Ao meu irmão Erik, pela amizade e pelo companheirismo.

Ao meu namorado, Fernando, que soube entender minha ausência e me incentivou quando senti vontade de desistir.

Ao meu mestre, professor Elenor Schneider, que, com sua sabedoria e paciência, foi fundamental para transformar as ideias em palavras no decorrer deste trabalho.

Aos professores do Departamento do Curso de Letras, pelo conhecimento que me passaram durante esta minha jornada.

Agradeço, também, aos meus familiares pelo apoio e a todos meus amigos e amigas que tive o privilégio de conhecer na Universidade.

## *Desgarrados*

*“Eles se encontram no cais do porto pelas calçadas  
Fazem biscates pelos mercados, pelas esquinas,  
Carregam lixo, vendem revistas, juntam baganas  
E são pingentes das avenidas da capital  
Eles se escondem pelos botecos entre cortiços  
E pra esquecerem contam bravatas, velhas histórias  
E então são tragos, muitos estragos, por toda a noite  
Olhos abertos, o longe é perto, o que vale é o sonho*

*Sopram ventos desgarrados, carregados de saudade  
Viram copos viram mundos, mas o que foi nunca mais  
será*

*Cevavam mate, sorriso franco, palheiro aceso  
Viravam brasas, contavam causos, polindo esporas,  
Geada fria, café bem quente, muito alvoroço,  
Arreios firmes e nos pescoços lenços vermelhos*

*Jogo do osso, cana de espera e o pão de forno  
O milho assado, a carne gorda, a cancha reta  
Faziam planos e nem sabiam que eram felizes  
Olhos abertos, o longe é perto, o que vale é o sonho*

*Sopram ventos desgarrados, carregados de saudade  
Viram copos viram mundos, mas o que foi nunca mais  
será”.*

*(Mário Barbará)*

## SÚMARIO

<b>RESUMO/ABSTRACT.....</b>	<b>5</b>
<b>INTRODUÇÃO .....</b>	<b>6</b>
<b>1 CYRO MARTINS NO CONTEXTO DA LITERATURA SUL-RIO-GRANDENSE ....</b>	<b>8</b>
1.1 O Modernismo no Rio Grande do Sul .....	9
1.2 O romance de 30.....	11
<b>2 A OBRA <i>PORTEIRA FECHADA</i> .....</b>	<b>14</b>
<b>3 A DECADÊNCIA DA FAMÍLIA DE JOÃO GUEDES .....</b>	<b>18</b>
<b>4 PERSONAGENS FEMININAS DA OBRA .....</b>	<b>22</b>
4.1 A mulher gaúcha do início do século XX.....	22
4.2 A personagem Maria José na obra <i>Porteira fechada</i> .....	24
4.3 Diferença social entre Maria José e Querubina .....	28
4.4 Maria Inês X primas: sonhos iguais, patamares diferentes .....	29
<b>CONCLUSÃO.....</b>	<b>32</b>
<b>REFERÊNCIAS .....</b>	<b>34</b>

## RESUMO

Neste trabalho, temos por objetivo analisar as ações e comportamentos das personagens femininas e identificar os motivos da decadência da família de Guedes na obra *Porteira fechada*, do escritor Cyro Martins. Inicialmente buscamos situar o autor no período modernista e no romance de 30, bem como procuramos descrever detalhadamente toda a trajetória da família de João Guedes, desde a zona rural até a miséria da cidade. Logo em seguida, fizemos um estudo sobre os principais motivos que causaram a decadência familiar. Por fim, e com base em fundamentação teórica, pesquisamos sobre as mulheres do século XX, assim como analisamos as personagens femininas presentes na obra, com enfoque em Maria José que lutou contra a miséria que a família enfrentava.

**Palavras-chave:** Literatura sul-rio-grandense. Modernismo. Cyro Martins. *Porteira fechada*. A presença da mulher.

## ABSTRACT

In this work, our goal is to analyse the actions and behaviour of the female characters and identify the reasons of the decadence of the Guedes family in the oeuvre *Porteira fechada*, by writer Cyro Martins. Initially, we seek to situate the author in the Modernism period and in *romance de 30*, as well as describe in detail the entire trajectory of João Guedes' family, from countryside to misery in the city. Shortly thereafter, we accomplished a study about the main reasons that caused the family decadence. Ultimately, and based on theoretical grounding, we researched about women from the 20<sup>th</sup> century, as well as analysed the female characters present in the oeuvre, focusing on Maria José, which struggled against the misery that the family was facing.

**Key words:** Sul-rio-grandense literature. Modernism. Cyro Martins. *Porteira fechada*. The presence of women

## INTRODUÇÃO

Neste trabalho, vamos conhecer a história de inúmeros gaúchos frente aos problemas socioeconômicos que marcaram o Rio Grande do Sul na primeira metade do século XX e a importância do papel das mulheres em *Porteira fechada*, do escritor Cyro Martins.

Ao lermos um romance, o que se destaca são as personagens, uma vez que esses seres vivem os fatos organizados no enredo. Cabe ressaltar que o romance se baseia numa relação entre o real e o fictício e acaba sendo exposto através da concretização das personagens. Conforme Candido (1998, p. 55), “[...] há afinidades e diferenças essenciais entre o ser vivo e os entes de ficção, e que as diferenças são tão importantes quanto as afinidades para criar o sentimento de verdade, que é a verossimilhança [...]”. De fato, para saber distinguir, é preciso observar muitos aspectos, desde a personalidade até os traços mais comuns.

É importante comentar que, assim como os seres humanos, as personagens apresentam características próprias, algumas se salientam em relação às demais, outras são comuns e corriqueiras. Há ainda as que são semelhantes às outras e as que se distinguem por terem características particulares. Devido a isso, houve uma grande preocupação dos críticos literários em qualificar as personagens conforme o papel que desempenham na obra. Forster (1974) classifica-as em: planas, as que são construídas ao redor de uma única qualidade, e redondas, as que são capazes de surpreender o leitor, de causar impacto com suas atitudes inesperadas.

Tacca argumenta que o autor e o leitor são responsáveis para que o romance atinja sua função, tendo em vista que cabe ao escritor assentar informações em linhas e cabe ao leitor acolhê-las e decifrá-las: “É, em suma, uma espécie de recomposição do mundo, operada pelo leitor a partir de uma limitada quantidade de informações, habilmente repartida entre autor, narrador e personagens” (1983, p.18). A realidade é observada e captada pelo autor, que vai permeá-la de fantasia e imaginação. O mesmo trabalho fará o leitor. Se levarmos em conta que a palavra escrita é uma forma de comunicação, como todo ato comunicativo precisa de emissor (escritor) e receptor (leitor), este último, portanto, faz parte do processo tanto quanto o escritor. Sem leitor não há obra literária. A literatura existe para ser desfrutada por outro ser que não seja o autor.

Atendo-nos a personagens, optamos por estudar o escritor Cyro Martins, devido à maneira como expõe com maestria a vida das personagens, particularmente as mulheres, duplamente oprimidas em relação aos homens do tempo. As personagens femininas de Cyro dão os primeiros passos em um caminho que ainda está com a porteira fechada. Na literatura

gaúcha, cabe destacar que a narrativa *Porteira fechada* faz parte da trilogia do gaúcho a pé, que está centralizada num contexto econômico, político e social que marcou a história do Brasil e, principalmente, do Rio Grande do Sul. Os acontecimentos abordados lembram fatos históricos ocorridos no período de 1930 a 1950.

Nosso trabalho está composto de quatro capítulos. No primeiro, de fundamentação teórica, enfocamos a vida do autor Cyro Martins, o Modernismo e o romance de 30, pois a obra em estudo está muito identificada com este período. Faremos um apanhado das características e produções literárias dessa época no Rio Grande do Sul.

No segundo capítulo, descreveremos toda a vida da família de João Guedes, desde a tranquilidade na zona rural até o momento em que, expulsos do campo, vão para cidade em busca de uma vida nova e acabam enfrentando obstáculos quase sempre intransponíveis.

Já no terceiro capítulo faremos um estudo minucioso da obra do autor, para que possamos evidenciar os motivos e os principais fatores da decadência da família de João Guedes.

Por fim, daremos um breve panorama a situação das mulheres do século XX e uma análise das personagens femininas da obra *Porteira fechada*.

Dessa maneira, a trilogia do gaúcho a pé recria um Rio Grande do Sul do início do século XX com seus problemas humanos, sociais, políticos e econômicos. A obra que iremos estudar pertence a esta trilogia e aborda um momento de desespero total do gaúcho, que se vê obrigado a sair do campo, despreparado para as exigências da vida citadina, o que leva a personagem João Guedes ao suicídio.

A escolha pelo romance *Porteira fechada* surgiu no momento em que tivemos acesso ao livro e começamos a nos questionar sobre o papel feminino na obra do Cyro Martins, como viviam as mulheres neste período. Foi a partir desses questionamentos que resolvemos desenvolver nosso trabalho de conclusão de curso com base nessa obra.

A linha de pesquisa adotada não está especificada nas sugestões do Departamento de Letras. Entretanto, o desenvolvimento do nosso trabalho é na área da literatura brasileira, mais precisamente gaúcha, em que atuam os profissionais de Letras.



## 1 CYRO MARTINS NO CONTEXTO DA LITERATURA SUL-RIO-GRANDENSE

Cyro Martins nasceu em Quaraí – RS, em 5 de agosto de 1908. É filho de Appolinário e Felícia dos Santos Martins. Nessa pequena cidade interiorana, estudou no colégio municipal, com um professor de nome Caravaca que se torna personagem em duas obras do escritor: o livro de contos *Rodeio* (1976) e o romance *O professor* (1988). Aos quinze anos, começou a escrever artigos políticos, oposicionistas, libertadores e contos regionalistas. Publicou diversos livros, mas destacou-se com a trilogia do gaúcho a pé, composta por *Sem rumo* (1937), *Porteira fechada* (1944) e *Estrada nova* (1954).

Na trilogia, Cyro Martins busca apresentar a real situação do homem do campo frente aos problemas socioeconômicos que marcaram o Rio Grande do Sul na primeira metade do século XX, já que vivenciou em sua trajetória a desmitificação do gaúcho. Através dessas obras, Cyro luta para alcançar a linearidade narrativa mais pura, específica do romance real-naturalista europeu do período clássico.

O escritor é reconhecido como um dos maiores romancistas rio-grandenses. Aborda a temática rural em grande parte de suas obras, descrevendo o comportamento dos homens e mulheres que vivem a realidade do campo, além de situar suas narrativas em tempo histórico, pois ele sabe que existe um processo social em andamento, dentro do qual procura posicionar suas personagens que se deparam com situações dramáticas, resultando histórias com densidade psicológica e em clima por vezes trágico. Marobin (1985) afirma que a saída do campo para a cidade, de forma triste e miserável, é trágica, mas vista através de narrativas bem elaboradas, com uma linguagem simples e transparente, acaba tornando-se emocionante.

Cyro Martins é considerado um dos principais romancistas de 30. De acordo com Dacanal (1986), o que o distingue dos demais romancistas de 30 é a forma clara e direta como ele mostra a politização da classe média em suas obras, já que nenhum romancista desse período expõe evidentemente a emergência de um modo estrito dos novos indivíduos, que começam a colocar em questão a ordem vigente do momento.

Na narrativa ficcional de Cyro, é possível observar o apego à sua terra, aos costumes e à linguagem que procura retratar. Segundo Carvalho, citada por Martins (1999, p. 35-36), “[...] a conciliação do popular com o erudito nos permite reconhecer, de pronto, as origens gauchescas do autor cuja formação letrada levou à recriação literária de temas, personagens e cenários pertencentes ao domínio da experiência campeira”.

Nos romances da trilogia do gaúcho a pé, o escritor insere uma inovadora reação feminina frente às regras machistas que permeavam a sociedade da época, além de mostrar

que a mulher aos poucos estava conseguindo um espaço na sociedade, começando a encontrar cenários para expressar ideias e sentimentos.

As personagens das obras de Cyro têm uma função específica e exemplificam determinada ideia ou ação. O escritor é coerente, unitário, acima de tudo humanista e crítico. Martins escreveu páginas fortes e objetivas, que ainda hoje são importantes para compreender como, por exemplo, as várias crises que o Estado periodicamente atravessou, sobretudo após o início da substituição da pecuária por uma agricultura monocultural, com o trigo ou a soja.

Em sua trilogia, Cyro Martins procura dar uma possível explicação para a miséria que começava a crescer nas grandes cidades gaúchas, principalmente em sua periferia. Sua obra narra a gênese desse processo de superlotação das grandes cidades, realidade que hoje é muito mais intensa. Nos seus romances, o homem campeiro está em decadência social e moral, inapto para as mudanças que surgem, sentindo-se humilhado e sem perspectiva de um futuro melhor, porque seu caminho não tem rumo e as estâncias estão de porteiros fechadas. Isso, porém, não significa que não haja solução para essa crise, uma estrada nova, uma esperança.

Nas obras de temática rural, Cyro inverte a ênfase nos aspectos convencionais do regionalismo, conforme a tradição consolidada desde o Romantismo. O autor indica os instrumentos que podem suscitar a rebeldia, através do contato com outras modalidades de cultura, do acesso ao conhecimento e do intercâmbio com o mundo urbano.

### **1.1 O Modernismo no Rio Grande do Sul**

Cyro Martins se insere no Modernismo e contribuiu para incluir o Rio Grande do Sul nesse movimento. Conforme Bosi (1982), o Modernismo é compreendido como algo mais que um conjunto de experiências de linguagem, a literatura escrita sob o seu signo representa uma crítica global às estruturas mentais das velhas gerações e um esforço de penetrar mais fundo a realidade brasileira.

Para Zilberman (1992), o movimento do Modernismo respondeu aos anseios da equiparação da literatura nacional aos avanços das vanguardas estrangeiras, propagando-se de São Paulo para as demais regiões. Do Futurismo, proveio sua principal bandeira, exigindo tanto a superação do Simbolismo, como a valorização da vida urbana moderna, no seu culto à tecnologia e à velocidade. O modernismo respondeu às necessidades do criador, incorporando o uso da linguagem coloquial e expressões típicas da oralidade.

A Semana de Arte Moderna, também chamada de Semana de 22, ocorreu em São Paulo no ano de 1922, marcando o início do movimento modernista. A programação da Semana era composta de conferências, recitações, exposições e leituras.

A Semana de 22 teve como principal propósito renovar e transformar o contexto artístico e cultural, tanto na literatura, quanto nas artes plásticas, na arquitetura e na música, ou seja, o objetivo maior era criar uma arte essencialmente brasileira, embora tivesse sintonia com as novas tendências europeias. O movimento surgiu em um contexto abarrotado de agitações políticas, sociais, econômicas e culturais. Para Gonzaga (1985), a Semana de Arte Moderna deixou várias contribuições como a estabilização de uma consciência criadora nacional, preocupada em expressar a realidade brasileira, além do alinhamento intelectual com as vanguardas europeias e o direito incessante de pesquisa e criação estética.

O patrocínio da Semana de 22 veio da elite agrária paulista, pois os princípios nela expostos ajustavam-se às necessidades da oligarquia do café, isso porque os filhos dessa oligarquia estudavam na Europa e estavam em contato com o moderno. Essa elite ansiava pela diferenciação cultural entre os demais grupos sociais, era uma classe que estava em busca da expressão contraditória de suas aspirações ideológicas.

No Rio Grande do Sul, a Semana de 22 não teve repercussão imediata. Zilberman (1992) explica que apenas em 1925 os ecos atingiram a intelectualidade local. O projeto modernista não causou impacto no Sul do país por dois motivos: as produções gaúchas provenientes da nova estética não perderam seus vínculos com o Simbolismo, e uma das metas do Modernismo – destaque à tradição local – coincidia com os resultados já alcançados no Regionalismo, de modo que não houve solução de continuidade na literatura da região Sul do país.

A partir do exame da poesia, feita no Rio Grande do Sul, na década de 1920, fica evidente que as novidades do Modernismo não foram absorvidas pelos poetas sulistas, já que mantiveram o vínculo com as técnicas e com as principais ideias do Simbolismo. Os aspectos distintivos da narrativa regionalista, concernentes a personagem, espaço e tempo, foram remanejados e alterados, buscando apresentar a realidade rural e um tipo humano, em contraposição à ascendente sociedade burguesa urbana, que, mais tarde, ocasionou o deslocamento do poder econômico e político.

O Regionalismo, no Rio Grande do Sul, abarcou um longo período, que cobriu quase todo século XIX. A produção de textos foi frequente, sobretudo na década de 1870, época de atuação do Partenon Literário, as influências foram estendidas até os primeiros anos do Modernismo. Reaparece com forças renovadoras depois dos anos 30, quando Aureliano de

Figueiredo Pinto, Cyro Martins, Ivan Pedro de Martins, entre outros, apropriam-se da temática, apresentando-a dentro de uma ótica social, conforme os exemplos dos romances da época. Sua sobrevivência por tantos anos assegura a validade de suas questões, vinculada à realidade sulina e aos esforços desta para se converter em motivo literário. Os autores mencionados recuperaram os aspectos característicos do regionalismo, porém se despiram de seu ufanismo, trocado pelas expressões das desigualdades sociais.

## 1.2 O romance de 30

O romance de 30 foi a designação dada a um conjunto de obras de ficção escritas no Brasil a partir de 1928, com a edição de *A bagaceira*, de José Américo de Almeida. O período identifica um fato na evolução da ficção brasileira, pois se deu num espaço de tempo curto, que apresentou vários autores com muitas obras, escritas tão próximas entre si. Além de José Américo de Almeida, fazem parte do romance de 30 os escritores Jorge Amado, Graciliano Ramos, Raquel de Queirós, Cyro Martins, Érico Veríssimo, José Lins do Rego, entre outros. Todos eles escreveram ou que começaram a produzir a partir de 1930 e produziram obras de temática agrária. A eles também chamamos de regionalistas, como é o caso de Cyro Martins, ou neorrealistas. Suas obras têm forte caráter verossímil.

As obras *São Bernardo*, *Vidas secas*, *O quinze*, *Fogo morto*, *Terras do sem fim*, *São Jorge dos Ilhéus*, *A bagaceira*, *Estrada nova* e *Porteira fechada* foram escritas na década de 30 ou pouco depois, pelos romancistas mais importantes desse período. Nessa seleção de obras, encontram-se algumas das mais importantes produções da ficção brasileira no século 20.

Segundo Dacanal (1986), o romance de 30 se atém à verossimilhança, ou seja, reproduz situações muito semelhantes à realidade, se não aconteceram, poderiam ter acontecido. Já em termos de estrutura narrativa, a ordem cronológica é fundamentalmente linear, pois há uma coincidência entre os fatos narrados e o lugar que ocupam no desenrolar da narração. Os romancistas de 30 têm uma perspectiva crítica, ou até mesmo panfletária, com relação às características políticas, sociais e econômicas das estruturas históricas apresentadas nas obras.

A procura da verossimilhança, a ordem cronológica, a análise psicológica, a tipificação social, a correspondência entre linguagem e realidade, a noção precisa de tempo e espaço e as técnicas fixas de narrar delimitaram os escritores de 30 como neorrealistas.

Nos anos 30, com a segunda fase, ou seja, aquela em que o Regionalismo despontou com mais ênfase, a literatura sul-rio-grandense contribuiu com grandes nomes no contexto

nacional, com destaque para Érico Veríssimo, Cyro Martins e Dyonélio Machado. Do modernismo até a Revolução de 1964, dois gêneros literários se sobressaíram: a prosa regionalista e a poesia, que não seguia exatamente o modelo modernista produzido no centro do país, com exceção de alguns textos de Augusto Meyer.

Os escritores Érico Veríssimo e Cyro Martins olham para o homem gaúcho. O primeiro tem uma visão de certa forma mais épica e, por vezes, até romântica, focaliza o herói, o guerreiro dos pampas. Já Cyro Martins apresenta o peão, o trabalhador agregado, o descapitalizado a caminho da cidade. Também insere em suas narrativas as figuras femininas, presentes durante os processos de transformações que ocorreram no Rio Grande do Sul no que se refere aos aspectos políticos, econômicos e sociais. Em vez de serem mulheres portentosas, são pessoas humildes, sofridas, parceiras que dividem a dor dos homens com os quais convivem.

Ao contrário de Érico Veríssimo e Cyro Martins, Dyonélio Machado não abordou o mesmo tema que seus contemporâneos, uma vez que se preocupou mais com os problemas psicológicos, além de abordar a temática urbana e não a rural, embora seguisse uma linha regionalista no que diz respeito ao cenário.

O escritor Érico Veríssimo buscou, através de suas obras, a desmitificação dos defensores do machismo gauchesco, dando ênfase às figuras femininas na trilogia *O tempo e o vento* com protótipos como Ana Terra e Bibiana. Nos romances, assumiram condições masculinas para sobreviver num universo dominado pelos “homens”, pois, enquanto seus maridos guerreavam, elas mantinham a unidade familiar, através de trabalhos agrícolas e caseiros para manter a prosperidade da família.

De acordo Pozenato (1978, p. 55), “[...] no Modernismo, as próprias deficiências, reais ou aparentes, são apresentadas com superioridade, como obstáculos a serem transpostos, numa visão entusiástica de futuro [...]”. Nas obras do Cyro Martins, que aborda o tema do gaúcho e do campo, fica evidente perceber a perspectiva social, porque o drama que ele narra é o de muitos gaúchos que foram expulsos da zona rural e sobrevivem nos arredores das cidades.

Cyro Martins reestrutura os romances de 30, derrubando a imagem do gaúcho idealizado, buscando numa linguagem despojada expor as transformações sociais que modificam a vida humana. Trata-se do gaúcho que perdeu seus sentimentos de felicidade da vida do campo, tendo que conviver com a miséria e a humilhação da cidade.

Segundo Mendilow (apud LARA, 1985, p. 45), o tema de um romance precisa envolver o mundo em que vivemos e que conhecemos através dos sentidos, assim como deve lidar com

o comportamento e as atitudes humanas. Cyro Martins expõe, através de suas narrativas, o cotidiano do gaúcho sem perspectiva de vida, como é o caso de João Guedes, personagem da obra *Porteira fechada*, que percebe sua decadência quando sai da prisão e acaba se deparando com as condições financeiras e físicas em que sua família se encontrava, o que o leva ao aniquilamento e à morte.

## 2 A OBRA *PORTEIRA FECHADA*

*Porteira fechada* apresenta a história da família de João Guedes que, após ser expulsa do campo, foi para a cidade, porém a zona urbana não lhe proporciona a felicidade desejada. O protagonista morava de arrendatário em um pequeno pedaço de terra de uma fazenda no interior de Boa Ventura, com sua esposa Maria José e seus cinco filhos. Em um dado momento, porém, a terra, que era cultivada por João Guedes há muitos anos, foi requisitada pelo Sr. Júlio Bica. Em visita ao local, comunica que é o novo proprietário da fazenda e expulsa João Guedes com a família, dizendo que o campo estava de bom pasto e que precisava engordar o gado até o final da safra. O senhor Bento, antigo proprietário, vendeu a terra sem ao menos ter comunicado o fato à família de Guedes.

João Guedes fica surpreso com a notícia, não sabendo que rumo tomar a partir daquele momento. Maria José aproxima-se e deseja saber o motivo da visita do fazendeiro abastado. Ele sente a obrigação de contar à mulher o que está acontecendo, mesmo sabendo que a notícia abalaria a esposa. Mas, como ela é uma pessoa aguerrida e corajosa, teria condições para ajudá-lo a sair da situação em que se encontravam no momento. Maria José sente muito ódio pelo novo latifundiário, pois aquele pedacinho de terra não iria fazer falta para ele, já que era proprietário de muitas terras no município.

Inevitavelmente, João Guedes é forçado a sair em busca de um novo lugar para se estabelecer com a família. Maria José foi procurar sua prima Querubina, que morava na cidade de Boa Ventura, para que com ajuda da parenta pudessem encontrar um local para fixar morada. Ao encontrar a prima, amiga de mocidade, sente a diferença de nível social entre as duas famílias, pois Querubina é casada com Oscar, um homem bem sucedido. O casal tem uma filha chamada Maria Inês. Conforme Martins (1993, p. 43)<sup>1</sup>, “Querubina é uma senhora rica, de posição, da primeira sociedade, e a outra, a coitada da Maria José, vive atirada, casada com um peão de estância”. Com ajuda de Oscar, Guedes consegue alugar uma casa simples e velha na periferia da cidade, já que era a única que teria condições de pagar. O marido de Querubina também foi o responsável por fiar o negócio. Porém, Maria José não gostou da casa que o marido alugou nem do ponto, dizendo:

- Sim, eu vou pra casa, mas o dono que mande mudar todas as tábuas carunchadas do assoalho e do forro, e que mude também os vidros quebrados! Pobre não é cachorro! O proprietário, comerciante aposentado que vivia de suas casas, alegou

---

<sup>1</sup> MARTINS, Cyro. *Porteira fechada*. 10. ed. Porto Alegre: Movimento, 1993. De agora em diante, todas as citações procedem dessa edição, constando apenas a página.

que o aluguel era muito baixo para tamanho luxo, mas ela soube impor-se e acabou vitoriosa. (p. 50-51)

Na cidade, depararam-se com uma realidade completamente diferente daquela que estavam acostumados a viver, o sustento familiar era difícil devido à falta de trabalho. O que os mantinha eram as costuras que Maria José vinha realizando, mas já não era o suficiente para as despesas da casa. Como João Guedes não conseguia trabalho, optava por frequentar o bolicho do Capitão Fagundes para beber. Fagundes era um policial rural que, cansado da profissão, se estabeleceu em Boa Ventura com a esposa Fausta, abrindo uma venda.

A cada dia que passava, João Guedes estava mais irritado consigo mesmo, pois, ao retornar da venda, encontrava Maria José costurando para alimentar os filhos. E foi a partir dessa irritação, ao ver sua família passando necessidades, que ele desonrou sua imagem de homem honesto, roubando ovelhas para alimentar sua esposa e seus filhos. Esse hábito, no entanto, não durou muito, uma vez que foi preso em flagrante roubando uma ovelha da fazenda do Júlio Bica:

[...] o cavaleiro cuidava as sombras do caminho. No peito cerrado pela bronquite asmática que o tortura, abrigava ainda outra aflição, que crescia à medida que se aproximava de casa. Aquela cena e aquele estado de ânimo repetiam-se pela terceira vez. Ele não temia a cadeia, temia a vergonha de ser preso. Mas o caiporismo, a desocupação, as exigências do sustento da família, a idade e a doença, sim, também a doença, arrastaram-no àquilo: a roubar! (p. 64)

Pouco depois, Maria José fica sabendo da prisão do marido por intermédio de João Bica. Ela sabia que o marido roubava para sustentá-los, mas não se importava, ou melhor, foi acostumando-se, pois Maria José via os filhos passando necessidades:

[...] até então, viera lutando, aguentando, sabia Deus como! Sim, porque ela bem sabia que o marido roubava para sustentá-las, que ele lhe mentia quando contava que arranjava este ou aquele ganho em campanha, sabia que ele não prestava para mais nada, que já era quase um inválido [...]. (p. 65)

A personagem não sabia que atitude tomar frente ao fato ocorrido, entretanto acaba indo até a casa de Querubina pedir ajuda:

Maria José viera naquele desespero suplicar o seu amparo, pouco faltando para se ajoelhar na sua frente. Como abandoná-la, entregue a sua triste sina, humilhada, sozinha, sem se mexer para a mínima tentativa de socorro? Seria uma ingratidão sem nome da sua parte. Só que fosse uma pessoa de coração muito duro, o que não era verdade, pois ajudava os pobres, dava esmolas [...]. (p. 79 - 80)



A prima Querubina tentou de várias formas ajudar Maria José. Uma das maneiras que encontrou, por exemplo, foi pedir auxílio ao namorado de sua filha Maria Inês, o jovem advogado recém-formado, Hélio Bica. Porém, ele não aceita por ter que defender o indivíduo que roubou ovelha de seu pai, Júlio Bica, e por estar esperando uma nomeação, talvez para promotor ou juiz municipal. Querubina não teve êxito em nenhuma das tentativas para socorrer a prima.

No julgamento, João Guedes foi dado como culpado, sendo decretada sua prisão, entretanto alguns meses depois foi liberado. Seus filhos e sua esposa foram ao seu encontro. Naquele momento, Guedes teve uma angústia ao ver sua esposa magra, com a face envelhecida. Já seu filho estava desnutrido e suas filhas prostituídas, sendo que Isabel já tinha ido embora com o namorado sem autorização da família. Guedes percebeu que, se tivesse continuado na prisão, não estaria presenciando a decadência de sua família:

[...] deixou-se conduzir passivamente pela mulher, as filhas e o filho. Não demonstrou maior alegria ao se ver livre. Na realidade, oprimia-o uma sensação de angústia, de vítima que se vê arrastada duma prisão para outra, talvez pior. Na sua ignorância, acreditara que o seu crime seria punido com uma pena de anos. E como estava velho, dera-se por homem acabado, conformando-se com a ideia de morrer na cadeia. Por isso a liberdade lograda pegara-o desprevenido, imprevistamente. (p. 90)

De repente, a frágil alegria de ter novamente o marido em casa desabou Tita, a filha mais velha do casal, começou a tossir e a jorrar da boca golfadas de sangue, ela estava com tuberculose e veio a óbito no dia seguinte. A morte da filha espantou toda a freguesia e sem a costura não havia mais renda. Além disso, Maria José não podia empregar os filhos, porque ninguém os aceitava com medo da doença. A personagem se encontrava em um momento deprimente. Depois que morreu a filha, já não tinha a mesma vontade de trabalhar e acabou vendendo a máquina de costura para o turco Gabriel. Desfazia-se, assim, do último recurso de que dispunha para sustentar a família. A venda representou um terrível declínio na vida.

A prima Querubina ajuda Maria José, mandando um litro de leite diariamente, do qual ela não provava nem uma gota, reservando o alimento para os filhos. João Guedes vende o cavalo mouro para o senhor Machado, comprando com o valor que recebeu da venda um rancho alimentício para quinze dias.

A bebida, o roubo, a prostituição das filhas, a doença arrastaram Guedes para o último grau de sua degradação, pois o que restou para ele foi um triste fim, com uma vida cheia de amargura e uma morte miserável.

A vida de João Guedes, em três anos, sofreu grandes modificações. A expectativa e a esperança foram sendo substituídas, gradativamente, pela frustração e pelo sofrimento, já que não havia perspectiva de melhora, agora fazia parte de um grupo social marcado pela fome e pela miséria. A degradação da família, além de ser marcada pela prisão e pela morte do patriarca, é também representada por Cyro Martins através de Maria José. Pode-se ratificar essa afirmação a partir do episódio da filha Isabel que fugiu de casa com seu namorado.

Na obra, João Guedes apresenta a síntese da decadência e da perda, pois inicia sua trajetória morando num rancho bem organizado e, no decorrer da história, acaba vivendo na cidade sem condições suficientes para sustentar sua família. De acordo com Appel (1987), *Porteira fechada* representa a tirania econômica da classe dominante sobre a massa de trabalhadores rurais. A questão consiste na distribuição, na apropriação das terras e no medo de exploração das massas, provocando uma crise que se traduz na partida do homem do campo para a cidade. Já para Zilberman (1992), o romance é exemplar por denunciar a desgraça humana do trabalhador do campo, sem posses, centrando-se na sua decadência e demonstrando que o homem da zona rural prefere uma situação ultrapassada e pretérita. No livro, o escritor Cyro Martins transforma a ficção em realidade, através da abordagem do abandono e da miséria presente na obra.

O espaço em que a história se passa tem grande relevância na repercussão que a obra causa. Sabemos que a provável intenção era mostrar a face monstruosa do capitalismo, o cenário inicial da narrativa não poderia ter sido mais bem escolhido, um velório. A certeza de que João Guedes morreria no final permeia a de um pessimismo contínuo. As lutas enfrentadas pelo chefe de família aparentam ser mais dolorosas ao sabermos que todos os fatos narrados irão empurrá-lo para a morte. A descrição da zona periférica de Boa Ventura, local em que a família se abriga ao sair da zona rural, aponta a degradação pela qual passavam. Por meio dos tantos ambientes desfavoráveis descritos, podemos notar que a família passava por muitas provações, provocadas pelas mudanças enfrentadas, ou seja, pela saída da zona rural e chegada à cidade.

A obra *Porteira fechada* se atém à verossimilhança, pois descreve situações semelhantes às da realidade da época em que foi escrita. A ordem cronológica da história é linear, pois tem sequência de tempo, embora haja também passagem em *flashback*.

### 3 A DECADÊNCIA DA FAMÍLIA DE JOÃO GUEDES

Na obra *Porteira fechada*, Cyro Martins utiliza a técnica do *flashback*, pois a história inicia pelo fim, o narrador retrocede no tempo e remete o leitor ao passado, para relatar a vida de João Guedes e sua família.

Diversos fatores levaram a família de João Guedes à decadência. Cabe examiná-los para entender seu desapontamento. Para Lara (1985, p. 48), “João Guedes é a personagem que se decompõe, que se destrói no decorrer da trama. Desde o primeiro capítulo, João Guedes é apresentado em sua destruição total – a morte”. Durante o tempo que dura seu velório, é narrada uma vida sem perspectiva.

João Guedes morava no campo com sua família, um local tranquilo e alheio a todas as ocorrências da cidade. Ali produzia os próprios alimentos para a sobrevivência diária. A residência era humilde e pequena. Maria José distribuía as atividades diárias entre os filhos, sempre auxiliando quando preciso:

[...] Maria José mandou o filho manguear as vacas mansas, enquanto ela tomava alguns mates com o marido. [...] Não gostava, porém, daquele serviço, que constituía uma das suas obrigações diárias: botar vaca de manhã e de tarde. Andar à toa pelo campo, a cavalo ou a pé mesmo, isso, sim, o divertia. (p. 17)

A vida no campo proporcionava liberdade, as filhas se revestiam de ingenuidade, diferente das meninas da cidade, pois não conheciam homens cultos, não estudavam, além de não terem vestimentas elegantes.

[...] Volta e meia surgia uma delas ou todas, agrupadas, de olhitos sarapantandos, agarrando-se nos esteios, roçando-se nas paredes, espiando o “home”. Atraía-lhes a atenção sobretudo o chapéu dele, um chapéu esquisito, como nunca tinham visto, esbranquiçado, e copa redonda e dura, com uma bolinha bem em cima. Aurora, a penúltima da escadinha, apesar de todo seu acanhamento, chegou mesmo à extrema ousadia de tocar no “caroço” com dedinho molhado de saliva [...]. (p. 19)

A família era muito unida. Na hora do chimarrão, reuniam-se todos e passavam horas mateando e conversando. Porém, toda essa felicidade foi transformada em angústia, pois Guedes foi enxotado do campo que arrendava há alguns anos, dando a impressão de que fosse seu. Começa, então, a percorrer o duro caminho rumo à cidade: a luta pela sobrevivência num local onde não há condições para tal. Conforme Martins (1993, p. 16), “a história de desgraça se confunde com a da maioria dos que povoam a aldeia de Boa Ventura, uma cidadezinha

distante, triste e precocemente envelhecida, situada nos confins da fronteira do Brasil com o Uruguai”.

João Guedes e sua família deixaram o campo em busca de uma nova morada na campanha, acabam deixando para trás um passado feliz na tentativa de um futuro melhor. Porém, não foi o que ocorreu. A família acaba passando necessidades, uma vez que sem emprego na cidade acabam vivendo de biscates. Guedes considera o início de sua decadência, quando, sem força para lutar, cede à tentação de praticar o primeiro furto. Outros se sucedem, até ser preso em flagrante. A partir desse momento, aproxima-se da decadência.

Com o marido preso, a família de Maria José acaba se desestruturando, uma das filhas acaba se prostituindo e fugindo de casa. Para Martins (1993, p. 64 - 65), “[...] a rapariga teve o cinismo de declarar abertamente que ia embora com o namorado [...] e se foi como uma cadela esquentada [...]”. Após alguns meses, Guedes é liberado da prisão e acaba vendendo o cavalo e os arreios.

Através do patriarca João Guedes, Cyro Martins retrata o drama da degradação de migrantes miseráveis. A vida na zona rural podia não ser farta e abundante, mas havia o suficiente para viver honestamente, com tranquilidade e seriedade. É o processo de desagregação do homem do campo, iniciado pela introdução de relações capitalistas na pecuária. É o que acontece com João Guedes, apesar de ter sido “um gaúcho bom e direito, que foi domador, tropeiro, aramador, vizinho apreciado, plantador, que afrontou todos os riscos da vida campeira no tempo em que esta oferecia riscos, e que um dia se mudou para a cidade...” (p. 64).

Na obra *Porteira fechada*, Cyro Martins aponta a importância que o cavalo tem na vida do seu dono. É por esse motivo que a falta do cavalo quebra em definitivo a ligação do gaúcho com os momentos vividos no campo. O cavalo Mouro era um companheiro inseparável de João Guedes “[...] e o próprio mouro, por sua vez, acompanhara o dono na atitude desenxabida, afrouxando uma pata, estendendo o pescoço, derrubando o beijo, murchando as orelhas [...]” (p. 23). Mesmo na cidade, o cavalo Mouro era útil para Guedes, já que o utilizava em suas viagens à campanha.

Outro animal que Cyro Martins destaca na obra, por ser um grande amigo do gaúcho, é o cachorro, um cusquinho malhado, já velho que acompanha João Guedes em todas as suas desventuras.

De acordo com Zilberman (1992), Guedes protagoniza a história, mas o valor da obra não depende unicamente da evolução de suas desgraças, pois na obra nos deparamos com outros representantes significativos, tais como: Quevedo, João Biga e Capitão Fagundes, que

também fizeram parte do quadro que compõe o desenraizamento do homem de quem foram tiradas as terras.

A decadência da família está justificada nos instantes em que João Guedes sai da prisão e certifica-se de que não há mais uma família, e simplesmente pedaços que irão se reconstituir de algum modo e criar uma história que possivelmente reiniciará de outra maneira.

Entre os casais da obra *Porteira fechada*, Oscar e Querubina são destaque, pois é um casal que mora na cidade de Boa Ventura e possui uma estabilidade financeira superior se comparada à da família de João Guedes. Oscar costuma ir todos os dias ao clube da cidade jogar e se divertir com os amigos. Possui prestígio na sociedade, já que pertence à camada social mais elevada da cidade. Querubina vive com o marido em uma casa espaçosa, onde costuma permanecer em sua cadeira de embalo, acariciando seu gato Sultão, enquanto que as serviçais realizam as tarefas diárias. Eles têm uma vida supostamente calma, despreocupada e requintada.

Outro casal que o leitor conhece na trama é Fausta e Fagundes, que acabam sendo de suma importância no romance. Fagundes é ex-subintendente de um distrito de Boa Ventura, trabalhou durante anos como policial rural, durante a profissão se mostrava muito agressivo chegando a cometer crimes. Cansado da vida de militar, ele recebe, através do Coronel Ramiro, promessas de aposentadoria e decide abandonar o campo para traçar uma vida nova na cidade de Boa Ventura. Porém, essa promessa ilusória que o Coronel propôs ao policial era apenas para lhe tirar o cargo e nele colocar um partidário mais participativo e jovem.

Enquanto aguardava a esperada aposentadoria, organizou uma venda com jogo de boliche, passando o dia debruçado sobre o balcão atendendo os fregueses e pensando nas desgraças de sua vida e nos crimes terríveis que cometeu na época de policial:

Reminiscências turbulentas avivaram-se na memória do capitão. Descomposturas, sovas de relho, estaqueamentos, talhos, homens ensanguentados, detonações de revólver! Fez um grande esforço para readquirir o domínio das ideias, conseguindo que as representações terríficas debandassem como morcegos espalhados pelo vento. Gozou uns instantes de repouso e aos poucos submergiu num sono profundo. (p. 58)

Fausta percebeu que o marido estava em uma crise cada vez maior, o que fez com que ela tentasse diversas vezes conversar com ele, porém Fagundes era um homem maldoso e costumava agredir fisicamente a esposa durante as brigas de casal. Mas com o tempo ela foi enfrentando o marido sem medo: “Me toca com um dedo, cachorro, que te denuncio! Pensa

que eu não tenho coragem de aguentá solita o resto da vida? Eu ainda tenho força, não estou cozida pela cachaça como tu” (p. 13).

João Guedes costumava frequentar o bolicho diariamente, tinha um saldo negativo na venda. Fagundes recebeu uma intimação da Higiene para colocar a venda em perfeitas condições ou teria que fechar. O capitão acabou enlouquecendo pelos crimes cometidos e pela falta de perspectiva de um futuro melhor para sua família. Além disso, com o tempo, ele teria que fechar o bolicho, pois não tinha alternativa para resolver esse problema.

## 4 PERSONAGENS FEMININAS DA OBRA

Este capítulo consiste em um estudo sobre as mulheres do século XX, e na análise das personagens femininas presentes na obra *Porteira fechada*.

### 4.1 A mulher gaúcha do início do século XX

A mulher gaúcha vivia em uma sociedade excessivamente machista e autoritária. Nas primeiras décadas do século XX, a função feminina ainda estava centralizada no contexto da família. O casamento era a principal base para a constituição familiar, pois a mulher era o elemento fundamental, já que a educação dos filhos, os cuidados com o esposo, as atividades domésticas e o auxílio nas lidas do campo eram a sua principal atribuição. A mulher desempenhava dois papéis fundamentais, o de esposa e o de mãe, confirmando, dessa forma, o regime patriarcal existente no âmbito familiar.

Danda Prado comenta que a sociedade espera da mulher comportamentos chamados “femininos” e que “[...] prescindem de aprendizagens. São inerentes à sua natureza pelo simples fato de ter nascido mulher” (1979, p. 58), o que nos leva a entender que a mulher dessa sociedade machista não precisa adquirir conhecimentos, já que está inserida no mundo para servir ao seu homem.

O casamento é a primeira atribuição destinada à mulher para demonstrar a falta de poder dela em relação ao mundo. Para Albornoz (1985, p.78), “a mulher passa agora a ser “reservada” a sua tribo, significando isto o começo do seu enclausuramento na esfera privada bem como sua redução à função de reprodutora e serviçal do grupo familiar”.

O matrimônio é uma cultura que passa de geração em geração, tendo como objetivo o desejo e paradigma de um mundo feminino que se materializa na juventude. Dirani (1986) esclarece que o casamento é uma escravatura não declarada e geralmente mútua, em que o marido e a mulher são vítimas do mesmo processo duro e cruel, na medida em que mais perdem do que ganham na própria instituição do casamento tradicional.

A mulher, simplesmente, desempenhava o papel de personagem secundária no contexto familiar, pois a supremacia do homem ocupava todos os espaços possíveis dentro da sociedade, a mulher que por algum motivo não se casava, muitas vezes, acabava seguindo a vida religiosa. A religião faz parte da vida feminina. Ser devota, cristã e frequentar a igreja se tornam práticas que evidenciam a espiritualidade dela, também acredita na ação de Deus e das

santas contra os pecados dos homens, fazendo com que isso esclareça que a doutrina da Igreja serve para dominar e repreender as pessoas.

Durante anos, os homens eram considerados superiores às mulheres aos olhos de Deus, por isso receberam uma educação religiosa mais livre, enquanto as mulheres, como seres inferiores, deveriam rezar e dedicar-se à Igreja mais que os homens para que tivessem o perdão de seus pecados. Essa norma perpassou gerações e ainda no século XX foi percebida essa atitude nas mulheres, que permaneceram mais religiosas que os homens.

Ao longo dos anos, apenas as mulheres da classe social mais elevada tinham acesso à alfabetização. Porém, na obra *Porteira fechada*, ocorre uma significativa conquista nesse sentido. Maria José e a prima são mulheres de procedência urbana, Querubina até lê revista de modas na cadeira de balanço. Apesar de ser uma leitura fútil, é a primeira iniciativa que repercute na prosperidade da escolarização feminina. Albornoz (1985) diz:

Além disso, a escola através de todos os seus mecanismos internos tende a reforçar sentimentos, atitudes e valores tradicionais, levando a sociedade e a própria mulher a encararem a sua participação na esfera social como complementar e acessória à do homem. (p. 41)

O aspecto citado acima se encontra na personagem Maria José, pois teve acesso à instrução devido a sua posição e influência na sociedade enquanto jovem, porém, ao casar-se com o peão de estância João Guedes, passa a viver numa condição inferior. No entanto, mesmo com a miséria, ela intensifica os valores urbanos e consolida a falta de ação do marido, resistindo à situação de pobreza.

A humanidade é educada e formada diariamente pelas escolas, igrejas, famílias, leis, etc. Desse modo, a cultura de um povo torna-se responsável pelos papéis assimétricos da mulher e do homem, fazendo com que traga graves consequências à sociedade em geral. De acordo com Marodim (1997, p. 10), esses comportamentos diferenciados entre os sexos partem da família desde o nascimento, já que cabe a ela a responsabilidade de transmitir “normas e valores da cultura, ensinando aos indivíduos o que significa ser masculino e feminino a partir do nascimento”. Tendo em vista essas circunstâncias, podemos afirmar que à mulher foi atribuída, como função primordial, a reprodução, além da dependência ao marido. O homem é responsável pelo relacionamento familiar, comercial e profissional.

Já no que se diz respeito à inserção da mulher no mercado de trabalho, pode-se afirmar que as atividades estavam diretamente associadas ao trabalho braçal, suas atividades geralmente eram ligadas às lidas domésticas. Com o crescimento das indústrias, nas primeiras



décadas do século XX, as mulheres passaram a atuar em profissões diferentes das que costumavam exercer. Como é o caso de Maria José, que acaba abrindo seu próprio negócio de costura, para que desta forma pudesse auxiliar na finança familiar.

Aos poucos, as mulheres acabam agregando outras atividades sociais, além das que já exerciam como a rotina doméstica, passaram a ter o direito ao voto, tendo, assim, uma participação e voz ativa na política.

Miles (1989) salienta que a mulher sempre foi excluída da história, raramente encontramos registros que retratam a participação feminina nos acontecimentos e transformações sociais. Sabemos que a mulher estava presente nos grandes fatos históricos de que hoje temos conhecimento. Dessa maneira, podemos afirmar que a mulher também fez história.

Maria José, Querubina e Fausta são mulheres que apresentam uma personalidade forte no papel que desempenham, conseguindo impor suas ideias, mas não renunciam suas obrigações maternas.

As personagens femininas de Cyro Martins revelam os desconsoles enfrentados pelas mulheres, que têm como função principal procriar, cuidar da casa, do marido e dos filhos, sem uma perspectiva de futuro. Elas padecem com irrealizações e vão aglomerando sofrimentos que parecem suceder de geração a geração.

Outro ponto importante foi a capacidade que o escritor teve em observar e ter escrito sobre as mulheres que sofriam mais que seus maridos, que viviam duplamente descontentes e infelizes frente a uma sociedade patriarcal e machista. Sem poder de reação ao autoritarismo masculino, elas vivem a rezar para um futuro melhor, a suspirar pelos cantos em silêncio e a esperar o dia em que poderão ser livres.

#### **4.2 A personagem Maria José na obra *Porteira fechada***

A personagem Maria José, esposa de João Guedes, apresenta um papel fundamental no romance, pois a obra é composta de personagens masculinas e femininas que interagem entre si de forma significativa. Cyro Martins insere, em suas narrativas, as figuras femininas que estiveram presentes durante os processos de transformações que ocorreram no Rio Grande do Sul no que se refere aos aspectos políticos, econômicos e sociais.

Maria José, durante sua juventude, vivia na cidade e, após casar-se com João Guedes, rumou para a campanha. Ao analisarmos a personagem, podemos destacar duas características fundamentais: a expectativa de uma vida nova na cidade e a frustração frente à verdadeira

realidade urbana. A personagem é ativa e trabalhadeira. De manhã, enquanto senta para matear com o marido, ela vai dando ordens aos filhos e acompanha o andamento das atividades com olhos vigilantes, enquanto Guedes mateia de cabeça baixa e pensativo.

A protagonista casa-se com Guedes por amor, pois sabia que ele era um peão de estância e que não poderia lhe oferecer uma vida estável financeiramente. A partir desse amor, é possível perceber que Maria José é diferente das outras mulheres porque não era interesseira.

O retorno de Maria José à cidade de Boa Ventura se dá a partir de obrigatoriedade da saída do campo, como já foi apresentado anteriormente no resumo da obra. Porém, diferentemente de seu marido, a personagem questiona sobre o destino que é imposto à família. Guedes aceita as argumentações que Júlio Bica apresenta para a retomada das terras, enquanto Maria José critica e indigna-se com a situação:

Maria José [...]. Rememora justamente esse diálogo, com uma nitidez que a assombra. Lembra-se bem do tom de alarme com que perguntou: “E nós?” O coitado espichou o beijo e respondeu desanimado: “Nós...” Ainda conversaram mais um pouco, ele sempre de vistas gachas. Por fim ele não pôde mais e teve que desabafar: “Gananciosos, quanto mais têm, mais querem!” Aí o pobre lhe pediu calma, dizendo-lhe que com brabeza não se arrumava nada. Mas ela gaguejava de raiva: “Ah, eu não estar presente para lhe cantar as boas!” O marido, sem fitá-la, limitou-se a dizer-lhe: “Foi bom, mulher. Podia ser pior”. Podia ser pior... De que jeito ia ser pior? (p. 22)

Maria José parte antes do marido para a cidade e aloja-se na casa da prima, amiga de infância e juventude, Querubina. Por causa do parentesco, imagina que receberá auxílio da prima nesse momento difícil em que se encontra e fica na casa dela com as filhas até que Guedes encontre uma casa para morarem. A personagem transmite algumas recomendações para suas filhas antes de partirem para a zona urbana e repete durante o caminho:

À medida que os cavalos troteavam, reduzindo o caminho, ela repetia as recomendações às filhas, feitas dès da véspera.  
 – Cuidado, meninas, vocês tenham modos. Não se parem a conversar à toa, não façam barulho, não mexam nas coisas, não corram dentro de casa. É muito feio a gente chegar numa casa e começar a bisbilhotar. Gente ignorante é que faz isso. Se se portarem sem modos, ela não deixa vocês andarem com a Maria Inês.  
 Sacudindo as rédeas e chupando o beijo para apressar os cavalos, os olhos fixos na estrada e o pensamento perdido numas imaginações que por vezes pareciam verdade, andou duas ou três léguas como num sonho, tecendo planos, fantasiando diálogos, compondo um mundo irreal. Tita e Isabel, as duas mais velhas e as mais interessadas pela cidade e pela priminha, arrancavam-na, de longe em longe, impertinentemente, do ensimesmamento consolador. (p. 46)

Ao chegar à casa de Querubina, Maria José percebe a diferença entre sua situação social e a de sua prima. A começar pelas filhas, as de Maria José eram acanhadas e ariscas, já a Maria Inês, filha de Querubina, demonstrava ser divertida, comunicativa e espontânea. Maria José almejava alcançar os patamares de sua prima, ou seja, a grande sociedade. Porém, a sua ambição de subir os degraus que conduzem à grande elite social apenas facilita a degradação da sua família. A ambição da personagem pode ser percebida pela passagem do romance em que ela faz uma crítica à casa que foi alugada por Guedes:

Maria José não gostou da casa que o marido alugara, nem do ponto. Achou que ficava muito pra fora. Oscar, a contragosto, teve que intervir. Como que não iam ficar com a casa, se fora ele que se empenhara para consegui-la, indo diversas vezes à procura do proprietário, tornando-se até cacete? Maria José, em vista disto, cedeu, mediante condições:

– Sim, eu vou pra casa, mas o dono que mande mudar todas as tábuas carunchadas do assoalho e do forro, e que mude também os vidros quebrados! Pobre não é cachorro!

O proprietário, comerciante aposentado que vivia das suas casas, alegou que o aluguel era muito baixo para tamanho luxo, mas ela soube impor-se e acabou vitoriosa, o que lhe valeu um comentário lisonjeiro da prima:

– Tu ainda és a mesma, Maria José! (p. 50 - 51)

A imposição de Maria José fez com que João Guedes desse um fogão novo e uma máquina de costura.

O ápice da degradação física e psicológica de Maria José, descrita por Cyro Martins, vem acompanhado pela real condição de João Guedes. Um casal que perdera a dignidade, os valores e a esperança frente a uma sociedade miserável e cruel:

O envelhecimento de Maria José acentuara-se horrivelmente com o desgaste daquela noite. Amassada a um canto da habitação, emagrecida, as bochechas chupadas, os olhos encovados, as maçãs do rosto proeminentes, tinha uma secura no olhar que traduzia todo o seu gelado rancor da vida e toda a sua desesperança de desforra.

Em frente, encolhido num banquinho baixo, João Guedes era um molambo de homem, que já nada mais tinha a perder. (p. 65)

A personagem Maria José era vista como uma mulher instruída e crítica, pois Guedes sempre se calava quando a mulher erguia a voz, muitas vezes, falando o que queria da forma como pensava.

Maria José possui um conhecimento mais elevado, se o compararmos ao conhecimento dos filhos e do marido, já que era órfã e fora criada por padrinhos ricos e bons que viviam na cidade. Por esse motivo, costumava corrigir as falas erradas que estavam sempre presentes no cotidiano familiar, pois como os filhos e o marido sempre moraram na campanha, não tiveram

a mesma oportunidade de estudar que Maria José quando jovem. Mas, embora ela corrigisse os filhos, o contato com a população rural, em especial o pai, faria com que eles falassem errado novamente, ou seja, era a forma como a maioria das pessoas com quem viviam na Campanha se comunicava:

- E quando é que nós bamo conhecê cinema?

Arreliada, voltava-se para as filhas que faziam estourar assim, de repente, a sua bolha de sabão.

- Já ensinei mil vezes que não é “nóis bamo” que se diz, é “nós vamos”. “Nós vamos!” Ouviram? É bobagem, o que aprendem comigo desaprendem com o pai de vocês. (p. 46)

De acordo Dacanal (1986), o romance de 30 é escrito numa linguagem filtrada pelo chamado “código culto urbano”, ou seja, tanto o narrador quanto as personagens se comunicam segundo as normas gramaticais próprias do grupo que estão inseridos. Essa filtragem é o que possibilita o uso da linguagem coloquial, fazendo com que tenha uma aceitação e entendimento melhor por parte do leitor. João Guedes, os filhos e os moradores da Campanha se comunicavam conforme a linguagem local, o que possibilitava um entendimento, mesmo que não seguissem a linguagem culta.

No romance, encontramos uma reação feminina frente às regras machistas que permeavam a sociedade da época. A personagem Querubina representa a mulher leitora de revistas que, a despeito de ser uma futilidade, pelo menos já tem acesso à leitura, além de representar a mulher da sociedade burguesa. Maria José é trabalhadora, auxilia no sustento da família com o trabalho autônomo, representa a mulher que viveu na cidade na juventude, com uma condição financeira estável e, após o casamento com o peão Guedes, acaba indo para o campo, e sua vida passa a ser de dificuldade e miséria.

A personagem Maria José diferencia-se das demais mulheres da época pelo fato de abrir seu próprio comércio de costura em sua residência. Esse acontecimento surgiu em virtude de a família estar passando necessidades financeiras, e foi a partir da venda das costuras que Maria José conseguiu amenizar a crise econômica da família. Segundo Dirani (1986, p. 58), “só a partir do momento em que a mulher descobre a causa de sua “infelicidade” é que pode lutar para eliminá-la”. O trabalho autônomo de Maria José representou um novo padrão de comportamento feminino.

### 4.3 Diferença social entre Maria José e Querubina

Na obra, percebemos a diferença entre as famílias, quando Maria José se muda para a zona urbana com as filhas e é acolhida na casa da prima, amiga de infância, Querubina. Neste momento da trama, Maria José percebe a diferença social e cultural existente entre as duas famílias, fazendo com que ela almejasse uma condição social superior à que estava vivendo com o marido e os filhos no campo. Mas, o desejo de ter um nível social elevado a tornaria proeminente e faria com que esquecesse a vida modesta que João Guedes lhe proporcionava: “O desejo de subir um ou, se possível, vários degraus de condição social, o conforto e a fartura que se gozava naquela casa ampla, fizeram-na esquecer a sua humildade e os precários recursos de que dispunha” (p. 50).

Ao receber Maria José, Querubina procura demonstrar o mais rápido possível a diferença do nível social das famílias, de modo que recebe a prima usando uma vestimenta de seda azul. Além disso, conversa com a filha, Maria Inês, sobre os trabalhos sociais que presta, dá ordens aos empregados e elogia o marido: “O Oscar é tão bom, Maria José!” (p. 48).

Apesar de Maria José estar consciente do pouco dinheiro que possuem e das condições humildes em que vivem, a personagem não sabe se deve ou não matricular as meninas em uma agência de corte e costura ou se deveriam estudar. Diante da dúvida da prima, Querubina menciona a importância de as mulheres saberem costurar, bordar e coser para o futuro casamento. A prima ainda destaca que esses cursos auxiliam muito as moças pobres, já que esses afazeres podem ajudar no sustento familiar. Maria José gosta da opinião por assemelhar-se com a sua, mas não aprova a palavra “pobre” apontada pela prima, o que lhe causa certo desconforto: “Maria José por um lado ficou satisfeita, porque a opinião da prima, uma senhora tão sensata, coincidia exatamente com a sua, porém, por outro, doera-lhe aquele “pobre”, que caiu como uma gotinha ácida na sua ferida” (p. 51).

Com a morte de João Guedes, Querubina luta com o dilema de ajudar a prima. Não sabe se Oscar irá gostar. Por fim, lembra-se de comprar uma casa e prestar auxílio todos os meses. No entanto, é tarde, Maria José perde a confiança em Querubina e prefere continuar morando no casebre com os filhos. Neste momento, Querubina sente-se oprimida na presença de tanta desgraça e vai embora.

#### 4.4 Maria Inês X primas: sonhos iguais, patamares diferentes

Maria José, ao chegar à cidade, fica hospedada por alguns dias com as filhas na casa de Querubina e percebe a diferença social existente entre Maria Inês, filha da prima, e suas filhas. Ao serem recepcionadas, Maria Inês aproxima-se com uma fisionomia alegre e atitudes desembaraçadas, a jovem distribui beijos entre risos e ditos graciosos. Querubina apreciava o deslumbramento que ela causou em Maria José e suas filhas, que permaneceram “acanhadas, paradinhas, respirando curto. Picucha agarrava-se ao vestido da mãe, com medo do mais inofensivo dos homens” (p. 49).

Naquela mesma noite, após o jantar, Querubina chama a filha ao quarto e transmite uma recomendação: “- Cuidado, minha filha, podem ter piolhos! A mocinha arrepiou-se toda e saiu coçando a cabeça” (p. 49).

João Guedes, com auxílio de Oscar, encontra uma casa para alugar, onde aloja-se com a família, mas antes de nela residir Maria José solicita ao dono mudança das tábuas carunchadas do assoalho e do forro, além dos vidros quebrados. Querubina reconhece que a prima não mudou nada dos tempos de juventude e a lisonjeia num comentário: “- Tu ainda és a mesma, Maria José!” (p. 51). A personagem Maria José responde para a prima que está exigindo mudança na casa, para que as filhas pudessem ter uma vida superior à que tinham no campo:

E fez um gesto, apontando com o queixo para as meninas, sempre juntinhas e ariscas, as mãos coladas ao corpo, a cabecinha torcida, a franja armada com sabão como um toldo sobre a testa, a língua intranquila, roçando ora a borda dos dentes, ora lambendo os lábios. (p. 51)

Em uma tardinha, Maria José e as filhas resolvem ir até a casa da prima fazer uma visita e durante o percurso cruzaram com uma barata lindíssima, que transportava alguém que logo lhes abanou. Perceberam que era Maria Inês com o namorado, um estudante de direito, filho do fazendeiro Júlio Bica. Ao cumprimentar as primas, Hélio, namorado de Maria Inês, de imediato pergunta quem eram aquelas mulheres e ela responde que são parentes de sua mãe que vieram morar na vila, mas que eram pessoas atrasadas e que tem feito uma ginástica para não sair com elas.

Querubina permite à filha Maria Inês uma educação mais aberta do que a de outras moças da sociedade. Maria Inês é agitada, contente, saltitante e atenciosa com todos. Ela

consegue conquistar uma independência em relação à própria mãe. Maria Inês decide sair à noite com o namorado sem pedir autorização de Querubina e não se importa com o descontentamento dela: “A mãe, intimamente encantada, finge-se pouco satisfeita com a saída da filha àquela hora, sozinha com o rapaz. Maria Inês, porém, nem ligou, dando-se conta perfeitamente de que aquilo era pura cena” (p. 55).

A conduta de Maria Inês provoca em Maria José uma antipatia, ela não gosta do desembaraço benevolente da menina, parece não estar de acordo com o padrão. Querubina não repreende a filha em nenhum momento, pelo contrário, mostra-se sempre admirada com as atitudes de Maria Inês. Porém se aborrece quando ela exige um carro novo. “Que menina esbanjada está! – exclamou Querubina, dirigindo as vistas para Maria Inês, ao mesmo tempo em que semicerrava as pálpebras, franzia os lábios e sacudia a cabeça” (p. 55). Maria José achou correta a atitude de Maria Inês, pois era filha única, rica e jovem, ainda mais que era noiva, daqui a um tempo casaria e teria filhos, o que seria necessário ter uma condução melhor.

As filhas de Maria José eram quietas, acanhadas e ariscas, não tinham vestimentas elegantes, diferente de Maria Inês que podia escolher a roupa para usar nas diversas ocasiões. Além disso, elas não frequentaram a escola, em virtude de não existir educandário na zona rural. Já Maria Inês era leitora de revistas e jornais que estavam disponíveis em sua residência diariamente.

A vida das filhas de Maria José era diferente da das meninas da cidade, pois elas não tinham conhecimento e quando passaram a fazer parte da sociedade urbana depararam-se com muitas novidades e surpresas, passaram a fazer parte de um mundo nunca visto antes. “É então que Isabel acaba agredindo a mãe e fugindo com o namorado. Para a mãe aquela atitude desonra a família que era pobre, mas honrada, até que não fossem descobertos os furtos de João Guedes. Maria José vê a degradação financeira e moral de sua família, e começa a reconhecer seus erros: “Ela também tinha os seus erros, reconhecia. Sempre fora uma boba, uma ridícula, com pretensões a coisas que não estava ao seu alcance” (p. 65).

Quando João Guedes estava na cadeia, Maria José pensou em pedir auxílio para a prima, pois talvez conseguisse ajudar a família que estava passando por grandes dificuldades, porém “[...] ultimamente, por vários motivos, andava cada vez mais retirada da prima, aparecendo por lá muito de longe em longe. Uma das razões era o noivado da Maria Inês com o filho do Júlio Bica (p.77)”, já que o fazendeiro Júlio, pai de Hélio, era quem havia expulso sua família do interior, em virtude de ter comprado aquele pedaço de terra.

Querubina e Maria Inês representam a mulher da classe social rica. São cidadinas, têm acesso à leitura e à escrita. Querubina, como a grande maioria das mulheres da época, exerce seu papel de esposa e mãe. Ambas, mãe e filha, são fúteis e ambiciosas.



## CONCLUSÃO

A partir das considerações feitas ao longo deste trabalho, podemos perceber algumas características, tópicos, posicionamentos e situações particulares da obra de Cyro Martins que a diferenciam dos demais romances até então publicados.

Para construir o texto, buscamos um conhecimento interpretativo que certamente não pode ser visto como definitivo e conclusivo, pois *Porteira fechada*, assim como os demais livros da trilogia do gaúcho a pé, são obras que a cada dia restabelecem sua atualidade, além de revelar grande potencial de conhecimento crítico, cultural e histórico da sociedade gaúcha, pois abordam problemas sociais que se apresentam ainda na contemporaneidade.

A análise que realizamos sobre o romance de 30 nos permitiu entender que Cyro Martins teve um papel fundamental, já que reestruturou os romances da época, deixando de lado a imagem do gaúcho idealizado, para criar um novo viés evidenciando as transformações sociais que modificaram a vida humana, expondo o gaúcho que perde o sentimento de alegria da vida do campo, por ter sido expulso, tendo que viver na cidade com muita miséria e desalento de um futuro promissor.

No capítulo em que descrevemos com detalhes a vida da família de João Guedes, pudemos perceber que o autor procura transmitir ao leitor um processo de transformação que sofre a campanha gaúcha no início do século XX, visto que essas mudanças não ocorreram somente com os pobres da campanha, peões, pequenos proprietários e comerciantes, mas também com os grandes estancieiros, que começaram seu processo de decadência porque não conseguiam mais se manter devido à crise econômica que o Estado enfrentava.

Além dos fazendeiros e dos pobres da campanha, no romance há personagens que são duplamente reprimidas: as mulheres. O autor narra o sofrimento das mulheres em uma sociedade patriarcal e extremamente rígida em questão de valores. Cyro contribui para o conhecimento do leitor, uma vez que o papel desempenhado pelas mulheres gaúchas permanece ainda nos dias de hoje pouco estudado, além de apresentar poucas bases teóricas. Os historiadores preocuparam-se, até pouco tempo, em exaltar o homem gaúcho na defesa pela terra. Desse modo, as narrativas ficcionais de Cyro Martins proporcionam uma noção das mulheres da época, não uma noção real, mas verossímil e facilmente aceita, na qual expressam problemas intimistas humanos como sentimentos, valores, sofrimentos, lutas, opressões, etc. As personagens figuram no plano literário com vivências reais, que, por sua vez, permitem ao leitor uma maior identificação com a obra.

As personagens femininas vivem de maneira diferente das masculinas. Possuem limites para todas as ações que desenvolvem. O mundo em que vivem é o lar, realizam atividades como cozinhar, cuidar e educar os filhos, costurar e servir ao marido. Quando se deslocam de casa é para orar e prestar serviços à igreja.

Dessa maneira, através da leitura e análise da narrativa *Porteira fechada*, conseguimos observar e aprofundar um estudo a cerca do conhecimento do passado das mulheres gaúchas, tendo, assim, um maior entendimento do ser humano e do mundo atual. Procuramos compreender o processo de transformação e de lutas enfrentadas pelas mulheres, já que a literatura é tida como uma forma de conhecimento que, mesmo dotada de ficção, está inteiramente vinculada à vida real. Cyro Martins se baseia em seres humanos para compor seu enredo, fazendo com que a narrativa literária transmita ao leitor conhecimentos que envolvem o indivíduo de outras épocas. Isso possibilita que os leitores entendam a si mesmos e o seu passado, o que, conseqüentemente, vai auxiliá-los a modificar o presente, para que tenham um futuro mais promissor. A literatura torna possível ao ser humano planejar seu futuro, semear grãos de bondade e fraternidade para colher sentimentos de humanidade e igualdade entre homens e mulheres, indiferente da classe social a que pertencem.

## REFERÊNCIAS

- ALBORNOZ, Suzana (Coord.). *Na condição de mulher*. Santa Cruz do Sul: Faculdades Integradas de Santa Cruz do Sul, 1985.
- APPEL, Carlos Jorge. As coxilhas sem monarca. In: RIO GRANDE DO SUL: Conselho Estadual de Desenvolvimento Cultural. Instituto Estadual do Livro. *Cyro Martins*. 3. ed. Porto Alegre: IEL, 1987.
- BOSI, Alfredo. *História concisa da literatura brasileira*. 3. ed. São Paulo: Cultrix, 1982.
- CANDIDO, Antonio; ROSENFELD, Anatol; PRADO, Décio de Almeida; GOMES, Paulo Emílio Salles. *A personagem de ficção*. 9. ed. São Paulo: Perspectiva, 1998.
- DACANAL, José Hildebrando. *O romance de 30*. 2. ed. Porto Alegre: Mercado Aberto, 1986.
- DIRANI, Zenia. *O despertar da mulher é o despertar do homem*. Rio de Janeiro: Espaço e Tempo, 1986.
- FORSTER, Edward Morgan. *Aspectos do romance*. Tradução de Maria Helena Martins. 2. ed. Porto Alegre: Globo, 1974.
- GONZAGA, Sergius. *Manual de literatura brasileira*. Porto Alegre: Mercado Aberto, 1985.
- LARA, Elizabeth Rizzato. *O gaúcho a pé: um processo de desmitificação*. Porto Alegre: Movimento, 1985.
- MAROBIN, Luiz. *A literatura no Rio Grande do Sul: aspectos temáticos e estéticos*. Porto Alegre: Martins Livreiro, 1985.
- MARODIM, Marilene. As relações entre o homem e a mulher na atualidade. In: STREY, Marlene Neves. *Mulher estudos de gênero*. São Leopoldo: Unisinos, 1997.
- MARTINS, Cyro. *Porteira fechada*. 10. ed. Porto Alegre: Movimento, 1993.
- MARTINS, Maria Helena (Org.). *Cyro Martins 90 anos*. Porto Alegre: Companhia Rio-grandense de Artes Gráficas, 1999.
- MILES, Rosalind. *A história do mundo pela mulher*. Tradução de Bárbara Heliodora. Rio de Janeiro: Casa-Maria, 1989.
- POZENATO, José Clemente. *O regional e o universal na literatura gaúcha*. Porto Alegre: Movimento, 1978.
- PRADO, Danda. *Ser esposa, a mais antiga profissão*. São Paulo: Brasiliense, 1979.
- TACCA, Oscar. *As vozes do romance*. Tradução de Margarida Coutinho Gouveia. Coimbra: Almedina, 1983.

ZILBERMAN, Regina. *A literatura no Rio Grande do Sul*. 3. ed. Porto Alegre: Mercado Aberto, 1992.